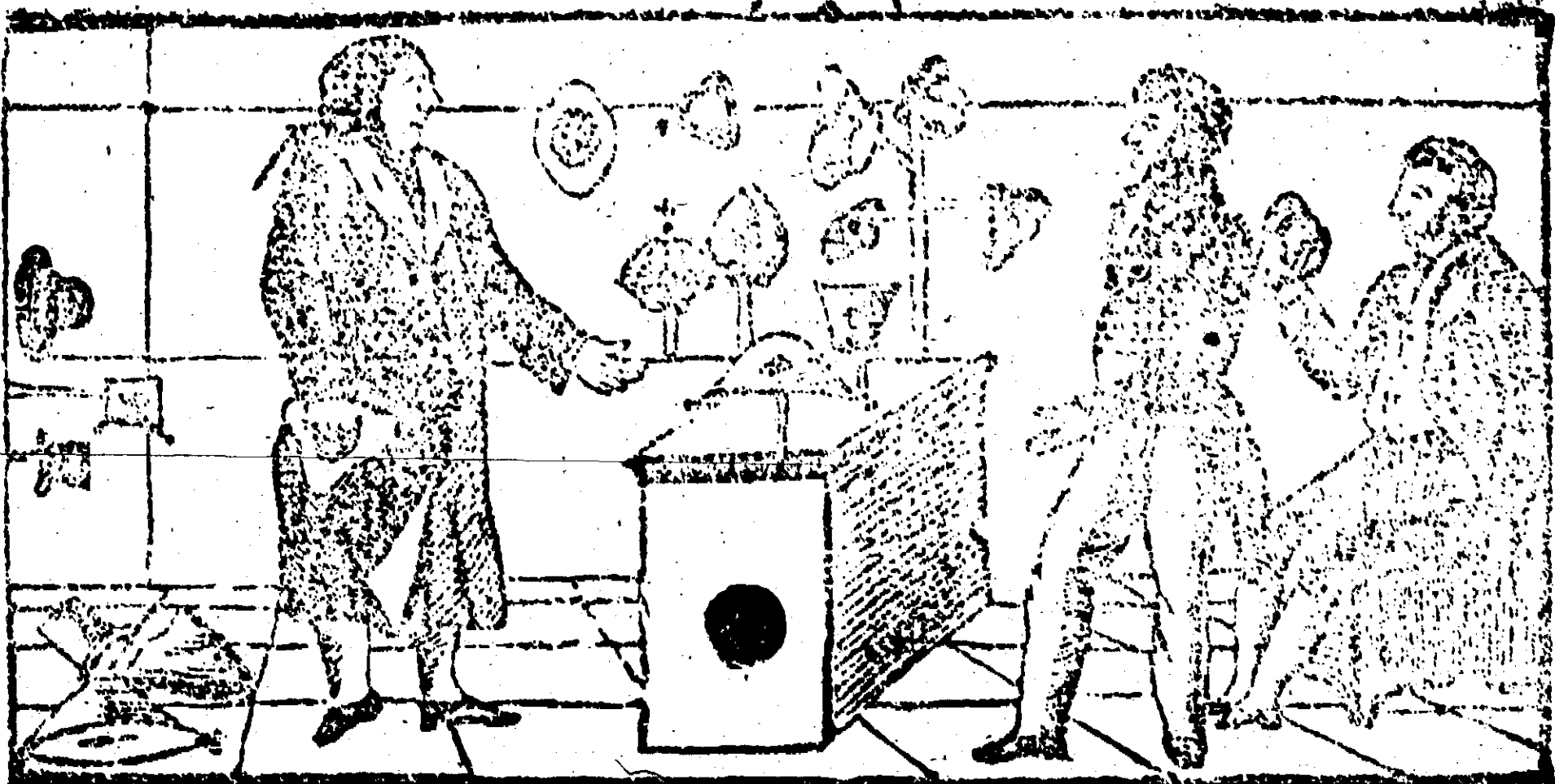


O
CARAPUCEIRO

20 DE AGOSTO
DE 1839



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hanc servare modum nostri novere libelli
Percere personis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas .
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

*Dialogo entre Roberto Agricultor,
Franklin Commerciante, e Rodri-
go Empregado Publico.*

tra as quaes não há argumento, que
prevaleça.

Roberto.

Triste he no Brasil a condição do A-
gricultor ! Sendo a Agricultura a uni-
ca fonte da riqueza, sendo por conse-
quencia o Agricultor o cidadão mais util
à Nação, vê-se carregado d'impostos,
e com o suor de seu rosto tem de sus-
tentar os Empregados Publicos, que
não sei de que sirvã, ao mesmo passo
que a classe agricola he de todas a mais
esquecida para os beneficios do Estado.

Rodrigo.

Eis o que rigorosamente se chama de-
clamação; e tudo quanto Vm. disse he
inexacto, e erroneo, como lhe pode-
rei demonstrar até a ultima evidencia.

Rob.

Inexacto, e erroneo ! Pelo contra-
rio o que eu disse he pura verdade, fun-
dada na razão, e na experiencia, con-

Rodr.

Ora tenha a bondade de ouvir-me at-
tentamente, e depois me dirá Vm. com
franqueza, se está, ou não em erro a
este respeito. Primeiramente he falso,
e falsissimo, que a Agricultura seja a
unica fonte da riqueza. Esta opinião
erronea foi a dos *Physiocratas*, que di-
zião, que todos os valores nascião da
terra : mas tal principio he insustenta-
vel; por que Vm., por ex., não pro-
duziria assucar, se não tivesse encha-
das, arados, &c. &c. para plantar a
cana, se não tivesse a machina para a
moer, as caldeiras para depurar, e as-
sucarar o caldo, &c. : logo o ferreiro,
e machinista, o caldeireiro &c. con-
corrorem indispensavel para o fabrico
do assucar, e por consequencia para a
produção deste ramo de riqueza, e o
mesmo se deve dizer de todos os outros.
Ainda depois de feito o assucar, que
valor teria, se o que sobrasse do con-

sumo do paiz não fosse transportado pelo Commerciantes para outros lugares, onde falta, e há procura delle? Logo o Commercio he tambem huma fonte, e mui importante da riqueza publica. Em segundo lugar direi, que com quanto o Agricultor seja hum Cidadão utilissimo ao Estado; todavia não se pode proferir absolutamente, que seja o mais util; por que o mais, e o menos são noções relativas, e he preciso attentar por todos os lados para os termos da comparação. O Agricultor, o Commerciantes, o Artista, o Funcionario Publico cada hum em sua esfera, e em seu mister serve muito, e he util á Sociedade.

Franklin.

Certamente se não fora o Commercio muitas produções da industria humana não terião desenvolvimento, nem valor: logo o Commercio concorre grandemente para a riqueza, e por conseguinte para a felicidade material dos Estados.

Rob.

Mas he inegavel, que a Agricultura entre nós he que carrega com os impostos.

Rodr.

Tambem isto não he exacto. Tenho ouvido a muitos Agricultores queixar-se incessantemente dos direitos, que pagão os seus generos, como se só elles pagassem impostos, ou se devesse de haver hum privilegio para essa classe da Sociedade. Quem em ultima analyse vem a pagar o imposto he o consumidor: e como o Agricultor não pode deixar de ser mais, ou menos consumidor, concorre proporcionalmente para o fisco com a sua quota parte: no mesmo caso está o Commerciantes. O Empregado Publico, que de força ha de consumir, tambem paga o imposto: mas dirá Vm., Para isto recebe o honorario do Estado, : porém este dá-lh'o pelo amor de Deus? Não he em

remuneração do serviço, que presta?

Franklin.

Se não fora o Commercio, as Nações jazerião na maior barbaridade, e miseria; e tanto assim he, que os Povos agricolas, pastores, &c. só prosperarão verdadeiramente depois que se tornarão commerciantes.

Rodr.

Assim he. Agora passarei aos Empregados Publicos. Não he, possivel existir Sociedade civil com certos funcionarios, que a sirvão, que garantão a honra, a propriedade, a segurança, a vida, que fação executar as leis, que derramem a instrucção, que progagem a Moral Religiosa, &c. &c.: logo he indispensavel, que hajão Magistrados, Governadores, Agentes de Policia, Fiscaes das Rendas publicas, Mestres, Militares, Directores espirituaes, &c. &c. Em quanto Vm. Sr. Roberto vive tranquillo, cuidando em suas lavouras, e no fabrico do seu assucar; em quanto Vm. Sr. Franklin está acadeirado em seu escriptorio, ou na praça do Commercio, calculando os lucros, ou prejuizos, e o melhor methodo de suas especulações commerciaes; o Magistrado administra justiça, o Empregado da Policia ronda para que o ladrão os não ronbe, o soldado vai expor a vida no campo da batalha, o Governo vella na manutenção da ordem, o Mestre entrega-se a locubrações para communicar luzes a seus concidadãos, o Sacerdote prega o Evangelho, administra os Sacramentos, promove o culto Divino, &c. &c.: e Vms. nada mais fazem, do que ceder huma quota parte de suas rendas para terem estas vantagens, e commodidades; por que he de toda a rasão, e justiça, que aquelle, que goza do beneficio, carregue tambem com o onus necessario para obter esse beneficio. Se não houvesse esses Funcionarios publicos, Vm. irião fazer rón-

das, marchariam para a guerra, &c. &c. Logo os Empregados são uteis, e utilísimos, são cidadãos mui prestadios ao Estado, e devem ser condignamente pagos do seu serviço.

Rob.

Mas o que eu vejo he, que os Srs. Empregados não entram com dinheiro para o Thezouro publico.

Rodr.

E o que tem isto? Por ventura só há riqueza material, e a Sociedade só subsiste de dinheiro? Quem mais util, quem mais proveitoso ao Estado, do que, por ex., o Magistrado instruido, probo, e incorruptivel, que administra justiça a seus concidadãos? Que individuo mais util á felicidade publica, do que o Pastor espiritual, que com o seu saber dirige as consciencias, e com os seus bons exemplos alenta as virtudes, e promove a Moral? Quem mais util á comunidade, do que hum homem Mestre, que derrama a instrucção por seus concidadãos? Quem mais concorre para o bem publico, do que o Militar, que expõe a propria vida para que nós outros gozemos da liberdade, da segurança, e da paz? Ora diga-me, se Vm., que nada disto faz, não pagar esses direitos das suas rendas, em que serve ao Estado, em que conspira para o bem commum? Finalmente he infundada, e injusta essa declamação contra os Empregados Publicos. O Agricultor, o Comerciante, o Artista, o Manufactureiro são todos mui uteis ao Estado: mas não o he menos o Funcionario publico: aquelles concorrem com hum quota parte das suas rendas; este concorre com os serviços, que presta, e tudo tem valores. Os impostos não recahem só sobre o Agricultor; recahem sim sobre todos nós, que somos consumidores; e por isso se há razão de queixa, esta deve ser geral.

Frank.

Porém que necessidade há de tantas; e tão multiplicadas Repartições, e de tão crescido numero de Funcionarios?

Rob.

Certamente que isto he muito mau. A procura d'Empregos publicos já passa a ser entre nós hum mania. Todo o mundo quer viver á custa do Estado, e para satisfazer a tanta gente forçoso he sobrecarregar-nos d'impostos; e por isso vemos augmentarem-se estes todos os annos em hum progresso espantoso.

Rodr.

Infelizmente assim succede entre nós: mas o abuso de qual quer cousa não prova a sua inutilidade. Crear empregos superfluos, ou inúteis he em verdade hum grande mal; he introduzir ociosos zangões no cortiço para serem sustentados á custa das abelhas laboriosas: mas isso nada val contra a existencia, e conservação dos empregos indispensaveis, e que fundem proveito ao Estado. Se há empregos de luxo, empregos excusados, extingão-se; porém conservem-se, e sejam bem remunerados os que são necessarios, e os que concorrem para a prosperidade publica. Em regra geral todo o imposto he hum mal; mas muitas vezes he hum mal necessario, he hum das condições do Estado social, he hum sacrificio, que se faz para se obterem maiores bens; e por isso nada irrita, e scandaliza mais, do que a má applicação dos impostos. Haja os precisos Funcionarios, e estes bons; vejam os contribuintes as rendas publicas empregadas em instituições convenientes, em estradas, em pontes, e em outras obras uteis á Comunidade, que não haverá razão de queixa.

Resta-me responder á ultima razão do Sr. Roberto, quando se resente de que a sua classe viva entre nós esquecida. Assim acontese, geralmente falando; mas de quem he a culpa? Dos

mesmos Srs. Agricultores, que com poucas, e honrosas excepções não procurão cultivar o seu espirito, e dest'arte inhabilitão-se para as Funcções publicas; pois não he d'esperar, que se escolhão para taes lugares homes só pelo facto de serem Agricultores, sendo alias destituídos dos precisos conhecimentos para a gerencia dos negocios publicos. Cuidem pois d'instruir-se e verão, como logo deixão de ser deslembrados, do que já tem exemplos em alguns da sua mesma classe. Finalmente todos somos cidadãos, todos gozamos dos beneficios sóciaes; e por tanto todos devemos concorrer para a felicidade publica.

VARIEDADE.

Hum cavaquinho.

Em certa roda veio á balla o pobre Carapucei o N.º 18 deste anno, e as Senhoras descoserão-lhe o fiado por causa do Sonho, que tive com o Sr. Judas. Huma dellas mais zangadinha disse, que era notavel, não tractar o tal Judas da sucia dos Padres no inferno, relatando os seus tormentos especiaes, &c.: mas a este reparo facil me he responder 1.º qui ali mesmo digo o que vi no sonho, acrescentando,, Que bella sucia, que sempre gira por essas estradas! (do inferno) Por ahi caminão Bispos, Padres, e Frades, Dzembaradores, e outros Magistrados, Generaes, Governadores, Príncipes, Magnatas, Presidentes, Deputados, ranchos, e ranchos d'Escrivães, d'Advogados, e Procuradores, muitos Comerciantes, e cacheiros, e hum sem numero d'Empregados Publicos., 2.º que Judas, que comigo fallava, não havia ter a descortezia de assentar a mão nos Padres. Judas, supposto que reprobó, era sujeito d'alguma importancia,

e bem criado, e tão conciderado era, que o Divino Mestre o tractou por amigo no momento mesmo da agarraça. Não devem pois apostemar-se as Sras. de que Judas me contasse o que padecião no inferno as moças, as velhas, as solteiras, as casadas, &c.; por que essas carapuças não lhe cabem, visto estarem vivas, e ainda andarem cá por este mundo. Nas suas mãos está o não irem ter a essa morada horrivel, fazendo da sua parte tudo aquillo, que Deos manda. Além disto sonhos são devaneios da imaginação. Não lhe deem credito: que já não haverá motivo de zanga. Disse.

ANECDOTAS.

Em certa Diocese era costume os Parochos nos Domingos, e dias Santos, dicto o Evangelho, explicarem-o aos Fieis na occasião da Missa, chamada Conventual. Chegando o dia dos Apostolos S. Simão, e S. Judas hum Cura d'Aldeia, conculto o Evangelho, fez hum grande elegio ao primeiro, e declamou fortemente contra o segundo, chamando-o traidor, malvado, malvado, &c. &c. Soube disto o Bispo, e mandando-o chamar, o reprehendo fortemente, fazendo-lhe ver, que S. Judas era o Thadeo, e não o infame Judas Scariotes, que trahio o Divino Mestre. Mostrou-se o Padre muito arrependido, e prometteo nunca mais cahir em semelhante falta. No outro anno no mesmo dia exaltou a S. Judas por tal forma, que o poz a par do mesmo Jesus Christo. Tornou o Bispo a chama-lo, e a reprehendolo com crimeza, dizendo-lhe, que nem tanto, nem tão pouco; que nenhum servo de Deos, por mais justo, que fosse, era para se comparar com o mesmo Deos; e ameaçou o Cura com a suspensão se continuasse em taes despropositos. Sahio o Padre mui corrido, e assustado. Chegou o outro anno, e no dia dos mencionados pous Apostolos, recitado o Evangelho, deo grandes louveres a S. Simão, e passando a S. Judas, disse unicamente o seguinte,, Quanto a este taful, meus Srs. he hum Santo de tal laia, que delle se não pode dizer nem bem, nem mal.,,